

# Reconstruindo o Exército Nacional do Afeganistão

Ali A. Jalali

**E**M MAIO DE 2002, boinas verdes americanos começaram a treinar o primeiro grupo de soldados para o novo Exército Nacional do Afeganistão (*Afghan National Army — ANA*). Esta complexa missão levará muitos anos, mas se espera que contribua muito para um novo ambiente de paz e normalidade para o Afeganistão. Os Estados Unidos, principais patrocinadores do esforço, vêem o projeto como uma alternativa viável à expansão das forças de segurança internacionais para policiar esse país assolado pelas guerras. Além disso, os EUA esperam que o Exército Nacional do Afeganistão apoie o esforço multilateral contra as atividades terroristas na região.

Esta é a quarta vez, em 150 anos da turbulenta história do Afeganistão, que o país está recriando o seu Exército após a sua desintegração total devido a invasões estrangeiras ou guerras civis.<sup>1</sup> O processo da reconstrução tem sempre sido influenciado pelas condições políticas e sociais prevalentes do país. A situação atual não será nenhuma exceção. A profunda transformação social do Afeganistão durante mais de duas décadas de uma guerra devastadora tem mudado drasticamente o panorama político e social dessa nação. A reconstrução de um exército nacional terá de ser interligada à criação de um governo amplo e legítimo, à reconstrução econômica e ao processo de desmobilização.

Este artigo estuda os desafios que se apresentam para a criação de um novo Exército nacional no Afeganistão assim como as maneiras de responder aos mesmos. Voltamos às experiências do passado e examinamos também a recente transformação social e política instigada pela guerra para identificar estruturas conceituais para a construção de um estabelecimento militar nacional no Afeganistão.

## Combatentes Tribais e Soldados do Governo

Poucos dos exércitos do Afeganistão tiveram sucesso em monopolizar o uso legítimo da força. O Exército afegão geralmente não tem sido a única instituição militar dentro de um sistema social imbuído do pluralismo militar. O país tem dependido, tradicionalmente, de revoltas populares para combater invasões estrangeiras e recruta o apoio de grupos armados tribais para fortalecer o exército regular para vencer rebeliões internas. A situação reflete a natureza evolutiva das relações estado-sociedade desde o surgimento do Afeganistão como um estado moderno em finais do século XIX. Era então um conglomerado desconjuntado de tribos e comunidades étnicas sobre as quais o governo central tinha variados níveis de controle, em diferentes épocas.

Até meados do século XX, o governo central do Afeganistão não tinha poder suficiente para integrar a nação numa ampla rede de instituições políticas e econômicas. A sociedade permaneceu segmentada e estagnada. A falta de integração tornou as comunidades, particularmente as das áreas tribais, semi-independentes, dependendo geralmente de seus próprios recursos e instituições tradicionais. Isto incluía forças militares locais que se mobilizavam durante conflitos entre as tribos ou contra ameaças externas. As milícias tribais também podiam ser chamadas para apoiar ou se opor ao governo central durante distúrbios internos. Essa população armada ajudou a nação a sobreviver quando o governo central desmoronava ou o Exército estatal se desintegrava face a uma invasão estrangeira.

Estas singulares condições socio-políticas favoreceram o desenvolvimento de uma cultura nacional de guerra de guerrilha.<sup>2</sup> Essa era uma forma nativa de guerra

de guerrilha que, em termos estratégicos, era diferente da conceituada por Mao Zedong. O conceito de Mao baseia-se na tomada do poder estatal por meio da organização de “áreas liberadas”<sup>3</sup> enquanto o modelo afegão é defensivo por natureza e tático em escopo. Khushal Khan Khattak, o célebre líder e filósofo nacional de etnia *pash tun* do século XVII, detalhou claramente as táticas guerrilheiras dos afegãos montanhese:

“Quando você enfrenta um destacamento inimigo menor, você deve atacar decisivamente com surpresa. Porém, caso o inimigo receba reforço ou, quando você se encontra frente a uma força inimiga superior, evite o engajamento decisivo e bata em rápida retirada para contra-atacar onde o inimigo for vulnerável. Você assim ganha a sustentabilidade e a capacidade de combater uma longa guerra de atrito. A guerra de atrito eventualmente frustra o inimigo, não importa o quão forte ele seja... e isso brinda a oportunidade da vitória a uma força menor que combate um exército invasor.”<sup>4</sup>

Era nesse ambiente que o guerreiro tribal se sentia em casa. Era um desafio e tanto transformar esse tipo de combatente em um soldado dentro de um exército disciplinado regido por um espírito profissional e regulado por normas militares convencionais. Os princípios de lealdade tribal e local entre os soldados interferia com o compromisso do Exército para com a causa do governo. O Exército era freqüentemente pobremente organizado e liderado. Era também inadequadamente armado, treinado, pago e alimentado. Tal exército não era muito capaz de se manter firme diante de um adversário determinado. No entanto, esses mesmos soldados lutavam com máxima determinação junto aos seus semelhantes, dentro dos seus próprios espaços, e sob a liderança de seus chefes locais. Edward Hensman, um observador britânico da sociedade afegã, escreveu em 1881: “Ao afegão não lhe falta a coragem inata e é inigualável no combate em terreno montanhoso, contanto que a luta tenha as características do combate de guerrilha. Mas uma vez que se lhe pede esquecer a sua própria identidade e se tornar meramente uma unidade dentro de um batalhão, perde toda a autoconfiança, e é mais disposto a pensar mais em se ausentar do que em se manter firme, como o teria feito junto aos seus amigos, liderados pelos seus próprios chefes.”<sup>5</sup>

A legitimidade do governo originava-se de direitos dinásticos ou então era baseada no poder militar. Ambos podiam ser desafiados por outros contendores. Esta situação era prejudicial à lealdade do exército. Os governos muitas vezes apelavam ao islão e a ameaças potenciais de poderes estrangeiros — os “infieis” — para motivar os soldados a servirem o governante islâmico — *padshah-e Islam* — e o seu governo.<sup>6</sup> Apesar de o islão ter unificado a sociedade em torno de uma causa comum e criado o *jih ad* contra os poderes e ideologias estrangeiros, não conseguiu, politicamente, unir as comunidades para criar uma nação religiosa funda-

mentalmente islâmica ideal, ou *umma*. Como observa T. A. Heathcote, o sistema “que ordenava a vida da maioria das pessoas nas áreas periféricas da cidade era certamente tão poderoso, em termos políticos, quanto o sistema de estado nacional na Europa em 1914. Os homens sentiam uma lealdade muito grande para com a sua própria tribo, tanto que, se chamados às armas o fariam sem hesitação sob as ordens de seus próprios chefes tribais e líderes locais dos clãs”.<sup>7</sup>

O recrutamento para o exército regular sempre foi difícil. O fraco controle governamental do país e a falta de recursos prejudicou tanto o recrutamento compulsório como o voluntário. Em 1895, o governo apresentou um sistema de alistamento parcial chamado *hasht nafari*, onde um homem de cada oito era chamado a servir no

*Tradicionalmente, os governos no Afeganistão dependiam de três instituições militares: o exército regular, os grupos armados tribais e as milícias comunitárias. O exército regular era mantido pelo estado e comandado por líderes governamentais. Os grupos armados tribais ou regionais (as forças irregulares) tinham soldados, recrutados por chefes tribais ou regionais, sob contratos pré-negociados, à disposição, por tempo determinado. Os chefes, em troca, pagavam menos imposto, recebiam dinheiro, podiam ser proprietários de terras ou ter outros privilégios.*

exército. A quota era imposta na população de um distrito ou área tribal. Sob esse sistema, os recrutas, selecionados por meio do sorteio dos nomes (*peshk*), tinham a opção de pagar para ficarem isentos ou pagar por um substituto (*ewaz*). O *hasht nafari* passou por várias mudanças no início do século XX antes de ser substituído por um sistema de alistamento universal em 1941. O alistamento foi um sistema extremamente impopular e nunca foi completamente implementado. Muita gente até emigrou para os países vizinhos para escapar ao cumprimento forçado do *hasht nafari*. O descontentamento público intensificou-se na década de 1920 quando o Rei Amanullah tentou forçar ainda mais o cumprimento do sistema. Isto causou intranqüilidade tribal.<sup>9</sup>

Em tal ambiente sócio-político, os exércitos do Estado enfrentaram dois desafios principais: criar uma lealdade nacional entre os soldados que fosse mais forte que sua lealdade tribal e prover às unidades militares a capacidade para combater eficientemente nas guerras convencionais e de contra-insurgências. A resposta aos dois desafios

foi lenta e insegura. O ritmo do progresso era ligado ao desenvolvimento social e político, à expansão da influência do governo por meio da modernização da economia e à disponibilidade de recursos para aumentar a eficiência profissional do exército.

## A Evolução das Forças Armadas Nacionais

Em meados de 1860, um soldado afegão justificou a sua deserção do exército a um pesaroso Emir Sher Ali dizendo-lhe: “O seu reinado é instável, os incentivos para servir não têm nada de atraentes e estou com saudades de minha casa.”<sup>10</sup> Essa declaração exemplifica os problemas que os governos afegãos têm enfrentado para tentar criar e manter um exército regular em uma sociedade tribal.

Tradicionalmente, os governos no Afeganistão dependiam de três instituições militares: o exército regular, os grupos armados tribais e as milícias comunitárias. O exército regular era mantido pelo estado e comandado por líderes governamentais. Os grupos armados tribais ou regionais (as forças irregulares) tinham soldados, recrutados por chefes tribais ou regionais, sob contratos pré-negociados, à disposição, por tempo determinado. Os chefes, em troca, pagavam menos imposto, recebiam dinheiro, podiam ser proprietários de terras ou ter outros privilégios. A milícia comunitária incluía todos os membros disponíveis e capazes da comunidade, mobilizados para lutar a favor de causas comuns sob líderes comunitários. Cada instituição tinha certas forças e fraquezas.

A combinação dessas instituições militares criou uma força formidável, cujos componentes suplementavam a força dos outros enquanto minimizavam suas fraquezas. A capacidade militar convencional do exército regular era suplementada pela capacidade dos grupos armados tribais na guerra de guerrilha. As milícias comunitárias eram capazes de controlar as linhas de comunicações do Exército em suas áreas e de prestar o apoio logístico. Por outro lado, a falta de harmonia ou cooperação entre as instituições causava enormes dificuldades ao exército regular.

A evolução do Afeganistão como nação unificada tem sido influenciada pelo relacionamento entre as diferentes instituições militares do país. A excessiva dependência das forças irregulares custou ao governo o controle das tribos. Manter um exército forte acabou com os escassos recursos do governo, interferindo com o processo do desenvolvimento da nação.

Durante os anos turbulentos do início do século XIX, o Exército do Afeganistão consistia de seguidores de vários chefes tribais, cuja lealdade ao Emir era imprevisível. As alianças temporárias com os que ansiavam pelo poder mantinham o estado em desequilíbrio político. O Emir Sher Ali Khan (1863-78) é reconhecido como sendo o fundador do moderno Exército nacional no Afeganistão.

Ele tentou controlar a influência dos chefes tribais e de suas forças irregulares com a criação de um exército moderno.<sup>11</sup> Apresentou um sistema de recrutamento moderno com base no serviço militar voluntário, e buscou um equilíbrio étnico de unidades militares e a integração de algumas tropas irregulares ao Exército do estado.<sup>12</sup> Quando irrompeu a segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-80), o exército regular tinha uns 50.000 homens e consistia de 62 regimentos de infantaria e 16 de cavalaria com 324 canhões, organizados, em sua maioria, em baterias de artilharia a cavalo e de montanha.<sup>13</sup> Porém, grande parte da organização existia apenas no papel. O pouco treinamento, a falta de disciplina e coesão nas unidades e a educação inadequada dos oficiais faziam do Exército um tigre de papel. O Exército perdeu coesão depois dos confrontos iniciais com forças invasoras britânicas em 1878 e deixou de existir como uma força organizada após a sua derrota em Charasia, perto de Cabul. Ainda assim, elementos do exército fragmentado se uniram a elementos tribais e da milícia civil para resistir firmemente contra as forças britânicas, que forçaram a se retirar em 1880.

O Emir Abdur Rahman Khan (1880-1901), que subiu ao trono depois da segunda Guerra Anglo-Afegã, teve que criar um novo exército do nada. Ele enfrentou os enormes desafios de reunificar o país, fortalecer a segurança interna e dominar os chefes semi-independentes. Seu instrumento principal para atender a estes desafios era um exército poderoso subsidiado pelos britânicos. Ao invés da tradicional dependência de contingentes militares providos pelos chefes tribais ou pelo sistema de mobilização feudal, o Emir tentou criar um exército totalmente ligado ao estado.<sup>14</sup> Mas a enormidade da tarefa ultrapassou a capacidade militar do governo. O Emir foi forçado a depender da milícia tribal, que chegou a ter cerca de 40.000 homens durante a pacificação de Hazarajat (1891-93).<sup>15</sup> A política dominante do Emir causou repercussões anos mais tarde, quando o descontentamento político crescente irrompeu violentamente em várias ocasiões, durante o reino politicamente relaxado (1901-19) do Emir Habibullah.

O Rei Amanullah (1919-29) estabeleceu a legitimidade de seu reino por meio do sucesso na guerra anti-britânica que levou à total independência do país. Mesmo assim, ele perdeu o apoio das tribos devido as suas drásticas reformas de modernização. O seu esforço para uma rápida modernização não foi acompanhado de esforços para desenvolver uma força militar eficiente para respaldar as suas reformas. Contando com as qualidades marciais da nação para deter ameaças estrangeiras, o monarca reformista não acreditou na necessidade de um grande exército.<sup>16</sup> Sua negligência teve um efeito desastroso. A maioria dos planos de modernização não foram implementados, o tamanho do exército foi drasticamente reduzido e as tropas eram pobremente adestra-



Departamento de Defesa

No dia 15 de maio de 2003, soldados do 1º Batalhão Blindado do Exército Nacional do Afeganistão encontram-se em formação durante a sua cerimônia de graduação em Polycharky, Afeganistão. A graduação faz parte do fortalecimento da nação afegã. Os soldados foram desdobrados em apoio à Operação Enduring Freedom.

das e ineficientemente lideradas. O Exército, em pouco tempo, diminuiu para 23.000 homens e eventualmente para 11.000 devido a problemas com o recrutamento. O esforço de última hora, em 1928, não deteve o declínio e, conseqüentemente, o Exército afegão não pôde vencer a rebelião de 1928-29, que custou a Amanullah o seu trono e levou o país à guerra civil.

A modernização do Exército do Afeganistão, que começou no primeiro quarto do século XX, foi um processo lento e gradual. O exército nacional ficou mais vinculado ao governo e adquiriu uma identidade institucional sólida enquanto o país passava por um processo de integração por meio de um sistema educacional nacional, do progresso econômico e do desenvolvimento político.

Nadir Shah (1929-33), considerou a reconstrução e o aprimoramento do Exército como elementos importantes para responder aos desafios de segurança e para apoiar um processo comedido de modernização. Em 1933, o Exército tinha uns 70.000 homens. A escola militar do Afeganistão reabriu em 1930 e o modelo do adestramento foi copiado do antigo Exército turco. O desenvolvimento de um sistema nacional de recrutamento e a educação profissional de oficiais e sargentos estavam entre as maiores realizações do exército afegão durante a primeira metade do século XX. A introdução de armas modernas no Exér-

cito — particularmente aeronaves de combate, viaturas blindadas, artilharia e armas automáticas — provocou uma mudança marcante na relação entre as forças do exército e as tribais. O poder de fogo superior do Exército serviu para dissuadir desafios à segurança interna.<sup>17</sup>

Em meados do século XX, exigências da política exterior e necessidades internas para apoiar a rápida modernização da sociedade provocaram uma importante reorganização das forças armadas. A divisão da Índia, em 1947, iniciou uma campanha afegã irredentista que exigia a criação de um “Pashtunistão”, ligado ao Afeganistão, nas áreas *pashtun* do Paquistão. Estas áreas eram parte do Afeganistão antes de terem sido anexadas pelos ingleses no século XIX. O país também precisava de um exército moderno para apoiar o desenvolvimento econômico e as reformas sociais, incluindo a educação e os assuntos relativos às mulheres. Quando os EUA recusaram as solicitações afegãs por assistência militar, Cabul pediu assistência econômica e militar à antiga União Soviética.

A assistência soviética possibilitou ao Afeganistão melhorar a estrutura, o armamento, o treinamento e o sistema de comando e controle de suas forças armadas. O efetivo militar na década de 1960 alcançou os 98.000, com 90.000 no exército e 8.000 na Força Aérea.<sup>18</sup>

## A Politização e a Desintegração do Exército

Apesar do progresso obtido na modernização e no adestramento do Exército e do desenvolvimento da Força Aérea, sob o Rei Zaher Shah (1933-73), a instituição militar afegã não conseguiu chegar ao nível de maturidade profissional necessário para resistir à politização. A ingenuidade política do corpo de oficiais — de maioria campesina — permitiu a um punhado de oficiais de nível médio e inferior, politicamente motivados, iniciar dois golpes militares durante a década iniciada em 1970, que eventualmente levaram os comunistas ao poder em 1978. A resistência armada à “revolução Saur” mergulhou o país em uma devastadora guerra civil, que levou à intervenção militar soviética (1979-89) e aumentou o apoio Ocidental às forças islâmicas de resistência anti-regime, os *mujahedeens*.

O simultâneo e rápido armamento em grande escala das forças de oposição levou uma grande porção da população a se armar durante os anos 80.<sup>19</sup> Essa tendência se alastrou durante a guerra civil pós-comunista (1992-2001) à medida que países vizinhos e outros atores internacionais armavam facções afegãs rivais. O profissionalismo das Forças Armadas decresceu gradualmente devido a esse processo e transferiu o poder a inúmeras facções étnicas e regionais, comandantes ambiciosos e bandidos.<sup>20</sup>

A queda do regime comunista apoiado por Moscou em Cabul em 1992, desintegrou o Estado e o Exército também. Os restos da força militar fragmentada ou desapareceram por completo ou se uniram às facções em guerra, envolvidas em um combate tenaz pelo poder. As facções eram compostas por um conjunto peculiar de grupos armados, de diversos níveis de lealdade, compromisso político, habilidade profissional, e integridade organizacional. Muitos se sentiam com liberdade para mudar de lado à vontade, transferindo sua lealdade e se unindo ou se afastando de grupos maiores espontaneamente. Não tinham a força dos guerreiros do *jihad* anti-soviéticos nem a disciplina das forças regulares. Mas haviam herdado as fraquezas dos dois.

Entre 2001-02, aproveitando a queda repentina do Talibã após os ataques aéreos da coalizão liderada pelos EUA, a Aliança do Norte, a única facção militar organizada anti-Talibã no Afeganistão, posicionou-se rapidamente para preencher o vazio. A ausência de uma alternativa política viável ao Talibã bloqueou o surgimento de um governo pós-Talibã etnicamente equilibrado. As forças *pashtun* anti-Talibã, que conquistaram a maioria das províncias do sul, encontravam-se demasiado espalhadas para oferecer uma opção para contrabalançar a Aliança do Norte.

Tirando vantagem da oportunidade inesperada, os comandantes locais não comprometidos deixaram-se atrair pelas farturas de dinheiro Ocidental e se uniram

à refrega em busca de vitórias fáceis. Suas milícias se expandiram de um dia para o outro. Oficialmente, o país, a partir do início do verão de 2002, tinha mais de 40 divisões e dúzias de brigadas separadas. Muitas das divisões ficaram sob a liderança de comandantes *pashtun*.<sup>21</sup> Muitas outras são comandadas por líderes estreitamente conectados à facção *panjshiri*. Dos atuais oito “corpos de exército”, a Aliança do Norte controla seis.<sup>22</sup> Além disso, o General Abdul Rashid Dostum, Subministro de Defesa, mantém o seu próprio exército, de sete divisões no sul.<sup>23</sup> Várias divisões estão sob o comando central.<sup>24</sup> A maioria destas unidades é composta de grupos armados afiliados a comandantes militares e seus aliados, que se uniram ao movimento anti-Talibã enquanto a milícia radical ruía sob o peso da campanha de bombardeamentos da coalizão. Os grupos armados que ocuparam os postos militares e as localidades abandonadas pelo Talibã e seus aliados estrangeiros obtiveram a categoria de unidades militares de líderes da Aliança do Norte, que simplesmente queriam expandir o seu círculo de aliados. Agora o Ministro da Defesa do Afeganistão fornece fundos para financiar esta extraordinária inflação militar.<sup>25</sup>

## De Volta ao Futuro

À medida que o Afeganistão começa a emergir de um longo período de conflitos devastadores, o país busca, em meio às ruínas da desolação social e política, uma forma de desenvolver um futuro de paz. A segurança é essencial como pré-requisito do esforço. Envolve a reconstrução de um exército nacional e desmantelamento das milícias faccionais e dos exércitos privados. A reconstrução das Forças Armadas afegãs não pode ocorrer em um vácuo. A não ser que se abordem os problemas que dividiram o país por meio de um governo legítimo, fundamentalmente amplo, eficiente, e apoiado internacionalmente, será difícil construir um exército nacional e profissional. O maior desafio é a criação de uma instituição leal ao Estado.

Atualmente, o país encontra-se militar e politicamente fragmentado. Comandantes militares étnicos de passados questionáveis dizem representar diferentes grupos étnicos e regiões geográficas do país. Apesar do seu apoio mínimo a favor da administração interina em Cabul, os chefes provinciais e comandantes militares mantêm os seus exércitos privados, fontes de renda, conexões estrangeiras e administrações autônomas. Até a milícia da Aliança do Norte, que controla Cabul, é um exército partidário com lealdades faccionais. Qualquer solução que permita a continuidade da liderança destes comandantes militares será contrária à paz e à estabilidade a longo prazo. Isso também irá interferir com o desenvolvimento da harmonia nacional, que sofreu duros golpes durante a longa guerra civil do Afeganistão.

O primeiro passo no desenvolvimento de um exército nacional no Afeganistão é a ampliação da base gover-

namental, o que promoverá a estabilidade política, a confiança pública e a segurança no país. Tal governo será capaz de administrar a recriação de um Exército afegão com orientação nacional, étnicamente equilibrado, moralmente disciplinado, habilitado profissionalmente e operacionalmente coerente, bem como de forçar o desarmamento e desmantelamento das milícias locais. Por outro lado, um exército visto como um meio de promover as ambições de um único grupo político ou étnico, não levaria a um esforço eficiente de desmobilização. Outra condição necessária para o surgimento de um estabelecimento militar de confiança é a reconstrução da economia afegã, oferecendo trabalho e empregos alternativos a antigos combatentes não integrados ao novo exército.

### Equilíbrio Étnico

Dada a politização étnica e a polarização do país, o novo Exército Afegão tem que ser multi-étnico em todos os níveis. O Exército Afegão pré-guerra era uma força com equilíbrio étnico. De fato, o Afeganistão tem uma longa tradição de buscar o equilíbrio étnico na instituição militar. A alternativa — a criação de unidades militares étnicamente homogêneas — provou ser problemática no passado. Embora soldados de unidades homogêneas se entendessem e trabalhassem bem juntos, sua lealdade não era confiável quando o exército agia contra o seu território natal. Em tais casos, o governo geralmente desarmava as unidades afiliadas à área ou à tribo em revolta.<sup>26</sup>

O sistema de alistamento militar a partir de 1941 assegurou a diversidade étnica nas formações do Exército. Recrutas de diferentes comunidades e regiões étnicas eram integrados aos grupos militares profissionais. O Exército era tanto uma força de segurança como uma instituição educacional nacional, onde a juventude afegã também recebia educação literária e cívica. De fato, o Exército era a instituição integradora mais significativa da sociedade multi-étnica afegã. Porém, o corpo de oficiais antes de 1963 não era integrado e sofria a dominância dos *pashtuns* e dos *tajiks*. Mas com o início do período democrático em 1963, os cadetes para as escolas de adestramento de oficiais e sargentos passaram a ser selecionados em todas as províncias e comunidades étnicas sob um sistema de quotas, proporcional à população. O corpo de oficiais era portanto étnicamente diversificado no final da década de 1960.

Porém, o sistema de alistamento terá dificuldade para dar certo, nas atuais condições, devido a motivos políticos, profissionais e econômicos. Primeiro, o governo central estabelecido no pós-guerra não é poderoso o suficiente para impor um sistema de alistamento. Segundo, um exército de recrutas, que serve apenas por um curto período de tempo apenas adquire o mínimo da habilidade, experiência e coesão necessárias para responder aos enormes desafios de segurança

da situação atual. Terceiro, as dificuldades econômicas enfrentadas pela nação desencorajam as pessoas da convocação, por alistamento, para um exército pobre. A maioria dos jovens mantém suas famílias e tem que ter uma fonte de renda.

Enquanto o governo afegão contempla um exército de equilíbrio étnico, existe muita suspeita que os *tajiks*, que agora controlam a instituição, estão influenciando a mistura étnica dos recentemente formados batalhões do Exército Nacional Afegão. Existem relatos que afirmam que os *tajiks*, nas novas unidades formadas, são em maior número que as outras etnias, incluindo os *pashtuns*, o maior grupo étnico no Afeganistão.<sup>27</sup> A continuação de

*A missão do novo Exército afegão deve ser bem definida no contexto da nova doutrina militar do país. No passado, a falta de clareza na definição do papel do Exército causou grande confusão operacional e organizacional. Essa ambigüidade dificultou a estrutura de unidade, o equipamento e adestramento do Exército. Como resultado, o Exército não era uma força de segurança interna eficiente nem um corpo confiável para a guerra convencional de grande escala.*

tais suspeitas pode frustrar a desmobilização das milícias faccionais e elas precisam ser abordadas.

O maior desafio para o novo Exército, porém, é o de integrar as unidades militares multi-étnicas em grupos profissionais unificados. Esta coesão profissional pode ser alcançada por meio de uma integração “química” de soldados ao invés de uma combinação “física” — “a união de membros de uma organização/unidade de tal forma que mantenham a vontade e um compromisso entre si, a unidade e a missão”.<sup>28</sup> Somente com tal coesão a lealdade profissional do soldado ultrapassará sua fidelidade étnica, política e regional. Isto pode ocorrer somente depois de um longo período de adestramento e experiência conjunta, onde membros de uma unidade enfrentam desafios comuns, lutam, sofrem, trabalham e vivem juntos. Quanto mais longa a associação, maior a conexão. Mas é necessário um ambiente saudável político e militar, adestramento sistemático e uma liderança eficiente para chegar a tal coesão de unidade. Uma tentativa em 1995, de integrar combatentes faccionais a unidades militares profissionais, fracassou devido à instabilidade política.<sup>29</sup>

### A Estrutura da Instituição Militar

O tamanho, a estrutura e o adestramento profissional do Exército dependerá da natureza das ameaças em potencial, da missão, da área de operações e da dispo-

nibilidade de recursos. As ameaças imediatas, supõe-se, serão relativas à segurança interna. Ameaças de segurança podem surgir de desafios armados contra o governo por militantes políticos e religiosos, rebeliões de inspiração estrangeira e combates internos entre comandantes militares locais. Além do mais, o Afeganistão encontra-se em uma área estrategicamente importante e tem que enfrentar ameaças em potencial que podem surgir naquela região volátil e perigosa. Conflitos entre Estados, junto à militância religiosa, ao crime organizado e ao contrabando, constituem ameaças potenciais em toda a região.

Dada a situação geopolítica e a capacidade defensiva disponível, não é lógico esperar que o Exército Nacional do Afeganistão possa enfrentar as ameaças estrangeiras em potencial. No futuro próximo, o Afeganistão terá que depender de arranjos de segurança internacionais e de apoio para lidar com tais ameaças externas. O país tem sofrido, por muito tempo, interferência externa e é ainda vulnerável à instigação e ao apoio de fora em favor de facções de renegados e forças militantes. O Afeganistão irá precisar da proteção internacional contra tais intervenções estrangeiras. Como nação, o Afeganistão tem grande potencial para mobilizar o seu povo no combate contra invasões estrangeiras, mas a experiência também sugere que a sua capacidade de defesa deve ser melhor aproveitada para apoiar a continuidade do Estado unificado, no atual período de pós-guerra. Com o apoio internacional, o Afeganistão tem o potencial para construir uma força militar regular profissional eficiente e móvel, que possa servir como elemento de dissuasão contra ameaças militares estrangeiras diretas.

A missão do novo Exército afegão deve ser bem definida no contexto da nova doutrina militar do país.<sup>30</sup> No passado, a falta de clareza na definição do papel do Exército causou grande confusão operacional e organizacional. Essa ambigüidade dificultou a estrutura de unidade, o equipamento e adestramento do Exército. Como resultado, o Exército não era uma força de segurança interna eficiente nem um corpo confiável para a guerra convencional de grande escala. Dada a existente situação geopolítica e o ambiente político interno e o dos países vizinhos ao Afeganistão, espera-se que o Exército Nacional preste o apoio militar ao governo central, o que significará compensar as milícias faccionais, desarmar grupos ilegais armados e apoiar agências de policiamento e outras forças de segurança no país.

Devido à natureza da ameaça, a missão do Exército e a extensão da possível área de operações através do país, o Afeganistão precisa de uma força militar capaz de desdobramentos rápidos em qualquer parte do país. Isto exige um exército com alta manobrabilidade e eficiência. Tal exército necessita ser composto por três elementos: tropas de guarnição; contingentes móveis e uma força central de desdobramento rápido. As tropas de guarnição, nas

bases regionais de operações, facilitarão a estabilidade local, manterão as linhas de comunicações e prestarão o apoio logístico. As tropas móveis — com capacidade para o transporte aéreo — responderão a ameaças contra a segurança em suas áreas de desdobramento. A força central de rápido desdobramento servirá como reserva central, respondendo a crises em qualquer área.

O tamanho do novo exército afegão também depende dos recursos disponíveis. A comunidade internacional tem se comprometido generosamente para financiar a reconstrução do país. Porém, poucos países têm prometido verbas para o desenvolvimento e adestramento do Exército Nacional do Afeganistão, ou para forças de segurança. Desde que a segurança é essencial para restaurar a estabilidade política e reconstruir a economia afegã, a criação do Exército Nacional deveria ser uma prioridade máxima na alocação de fundos disponibilizados. O Afeganistão pretende construir um Exército de 60.000 soldados, uma Força Aérea de 8.000 elementos, uma patrulha fronteira de 12.000 homens e uma força policial de 70.000 membros.<sup>31</sup> O custo para organizar, adestrar, armar e manter todas estas forças é fenomenal, pelos padrões afegãos. A falta de verba será uma catástrofe para os planos.

O fator custo-eficiência do Exército é diretamente ligado ao nível de adestramento profissional das unidades militares. As Forças Especiais dos EUA estão conduzindo cursos de adestramento para vários batalhões, de 600 elementos cada, durante um período de 18 meses, que começou em maio de 2002. Cada curso dura dez semanas. Espera-se que os boinas verdes treinem 9.600 soldados para o Exército regular e 3.000 para forças da fronteira antes de passar o treinamento aos instrutores afegãos. Obviamente, este treinamento básico é o primeiro passo. Terá que ser seguido por longos períodos de instrução subseqüentes, treinamento em combate especializado e em apoio ao combate, manobras de unidades pequenas e grandes e exercícios de comando e estado-maior.

Para desenvolver uma coesão militar eficiente, a liderança — particularmente no nível pequena unidade — é de importância vital. Isto ainda implica na necessidade de corpos de sargentos e oficiais altamente treinados e profissionalmente eficientes, evidentemente ausentes no Afeganistão atualmente. Os oficiais anteriormente treinados estão ficando velhos e oficiais jovens carecem de um treinamento profissional adequado. Muitos são ex-combatentes de guerrilha sem educação alguma. Muitos são analfabetos. Demorará pelo menos dez anos até que o Afeganistão possa construir um corpo de oficiais qualificado, um que seja capaz de ajudar a restaurar a cultura militar e adestrar unidades para que cheguem ao nível das unidades treinadas pela comunidade internacional.



Departamento de Defesa

No dia 15 de maio de 2003, soldados do 1º Batalhão Blindado do Exército Nacional do Afeganistão em formatura e desfile durante a sua cerimônia de graduação em Polycharky, Afeganistão. A graduação faz parte do fortalecimento da nação afegã. Os soldados foram desdobrados em apoio à Operação Enduring Freedom.

### Comando e Controle

Como um instrumento de política, as Forças Armadas do Afeganistão devem se subordinar ao controle civil popular. Isto será um grande desafio em um país onde grupos armados e milícias têm estado há muito tempo envolvidos na política. Portanto, o novo Exército estará engajado quase que exclusivamente na condução de missões de segurança interna. Embora ameaças externas normalmente produzam relações estáveis cívico-militares, o envolvimento do Exército com ameaças internas conduz a relações cívico-militares instáveis. Isto pode ser evitado buscando-se obter e manter a participação da população na política, bloqueando o domínio de grupos de interesses especiais. Criar um conselho de segurança nacional no mais alto nível do governo e um conselho cívico-militar no nível do Ministério da Defesa pode ser uma boa idéia.

O comando e controle operacional do Exército deve ser atribuído a um chefe de estado-maior de forças armadas conjuntas (*joint armed forces chief of staff* — JAFCS) que controlará não apenas o Exército e a Força Aérea mas também a patrulha da fronteira. São necessários seis comandos de áreas militares (corpos) para comandar e controlar as forças regionais.<sup>32</sup> Estas forças incluirão tropas de guarnição, unidades de linhas de comunicações, unidades de construção de estradas e

formações de aviação do Exército (aeronaves de transporte e helicópteros de combate). Outros elementos incluirão unidades de artilharia pesada, formações de logística e instituições de educação militar. Dependendo do nível de ameaça, um número de brigadas

*O processo de desmobilização precisará ser supervisionado por uma comissão nacional de desmobilização e reintegração. Até que o Exército Nacional passe a ser operacionalmente eficiente, partes das milícias regionais terão de ser mantidas como forças de segurança locais sob o controle estrito do governo central. Devem ser registradas, adestradas e reeducadas profissionalmente. Combatentes qualificados poderiam ser recrutados pelo Exército Nacional e pela polícia.*

móveis poderia ser anexado aos comandos de áreas. Os novos batalhões formados devem ser agrupados em brigadas de armas combinadas, a principal formação operacional no Exército sob o corpo regional. A força central de desdobramento rápido, com os componentes do Exército e da Força Aérea, terá que ser colocada sob

um comando separado, subordinado ao *JAFCS*.<sup>33</sup>

Tradicionalmente, uma grande porção do Exército afegão foi desdobrado ao longo da “linha Durand”. Esta linha, cobrindo a área *pashtun* dos dois lados da fronteira Afeganistão/Paquistão, foi palco de ações militares britânicas nos séculos XIX e XX e foi considerada a linha de frente durante a disputa “pashtuniana” com o Paquistão, na segunda metade do século XX. Continua a ser a área mais instável da região. A atual distribuição de forças militares não está em conformidade com as exigências estratégicas pois é o resultado da guerra de facções. O grosso das forças está agora mais concentrado no norte e oeste e menos no leste e sul.<sup>34</sup> Serão necessários o redesdobramento e a reorganização dos corpos.

## A Desmobilização e a Reintegração

A desmobilização dos combatentes da guerra civil e sua reintegração à sociedade é um dos maiores desafios enfrentados pelo Afeganistão pós-guerra. De acordo com fontes do governo afegão, há mais de 200.000 combatentes da milícia irregular e veteranos de guerra espalhados pelo país. Eles incluem três tipos de grupos armados: as milícias faccionais “formais”, que foram envolvidas na guerra civil; os “aproveitadores”, que tiraram vantagem da oportunidade de se unirem ao lado vencedor na guerra contra o Talibã e os “corsários”, que preencheram o vazio criado pela repentina desaparecimento do Talibã. O primeiro tipo de grupos armados é estreitamente ligado às facções guerreiras e leal aos líderes regionais. Supõe-se que estes durarão mais tempo que os demais. Os dois outros grupos de combatentes são incorporados na maioria por comandantes de guerra locais.

Alguns comandantes locais têm mostrado interesse em reduzir suas milícias por não poder arcar mais com as despesas. Mas outros comandantes de guerra locais, com acesso a dinheiro proveniente do contrabando de drogas e outros recursos, continuam a expandir suas forças e a atrair aproveitadores às suas fileiras.<sup>35</sup> Em meses recentes têm sido feitas tentativas limitadas de desarmamento em Cabul, Kandahar, Mazar-e-Sharif, Herat e Smangan. A maior parte do desarmamento que tem ocorrido envolve os aproveitadores não afiliados aos comandantes de guerra locais. Também têm havido relatos que poderosos comandantes locais estão desarmando seus adversários, como forma de aumentarem a sua influência.<sup>36</sup>

Esforços de desarmamentos esporádicos, porém, não são uma solução eficaz. A não ser que se tenha um programa sistemático de desmobilização, os combatentes desempregados voltarão à violência e ao banditismo ou se unirão à resistência na forma de grupos militantes e terroristas. A criação de oportunidades para emprego pacífico

encorajaria membros da milícia a deixarem os comandantes de guerra, assim apoiando o processo nacional de desmobilização. A ONU favorece um modelo inverso da seqüência tradicional de desarmamento, desmobilização e reintegração, sugerindo, ao invés disso, um programa de reintegração e desmobilização que proporcionaria emprego alternativo para ex-combatentes antes mesmo que se desarmem. Isso requer verbas para o lançamento de projetos de efeito rápido e trabalho-intensivos para a assimilação dos ex-combatentes. Com a restauração da mão de obra pública — *gowaye kar* —, da força para o apoio à agricultura — *gowaye sahz* — a criação de um exército de remoção de minas e uma força de controle de drogas, dezenas de milhares de ex-membros da milícia poderiam ser reintegrados e desmobilizados. Mas a desmobilização também dependerá do processo do desenvolvimento do novo Exército e da polícia, da abrangência e velocidade da reconstrução da economia, da restauração do sistema educativo e da burocracia governamental.

O processo de desmobilização precisará ser supervisionado por uma comissão nacional de desmobilização e reintegração. Até que o Exército Nacional passe a ser operacionalmente eficiente, partes das milícias regionais terão de ser mantidas como forças de segurança locais sob o controle estrito do governo central. Devem ser registradas, adestradas e reeducadas profissionalmente. Combatentes qualificados poderiam ser recrutados pelo Exército Nacional e pela polícia. As armas pesadas da milícia devem ser coletadas pela comissão nacional e guardadas em depósitos seguros.

A implementação de um plano tão ambicioso requer grande apoio internacional e a cooperação de países vizinhos. Este é um projeto de grande desafio. Mas não existem soluções fáceis nem baratas para um processo de desmobilização de centenas de milhares de combatentes e homens armados que não conhecem muita coisa além da guerra.

## Conclusão

Reconstruir o Exército Nacional do Afeganistão não é apenas um elemento essencial da estabilização de um país devastado pela guerra mas também uma contribuição à eficácia da guerra internacional contra o terrorismo liderada pelos EUA na Ásia do Sul e Central. É um projeto altamente custo-eficiente apesar da grande verba necessária e do tempo envolvido. O seu sucesso está ligado a três variantes principais: o surgimento de um governo legítimo e de amplo espectro, a disponibilidade de recursos e tempo. Um governo legítimo encorajará as forças regionais a desbandarem suas milícias no interesse da criação de um exército nacional. Recursos para a reconstrução econômica do Afeganistão criarão condições favoráveis para a

desmobilização e reintegração dos combatentes e para construir uma eficiente instituição militar. Finalmente, o processo levará tempo para frutificar. O engajamento, a perseverança e o apoio sério e contínuo dos EUA, são

essenciais à construção de um exército nacional eficiente no Afeganistão, um que monopolize o uso legítimo da força em apoio ao fortalecimento de um governo central e à estabilidade do país. **MR**

## Referências

1. Durante a década de 1870, o Emir Sher Ali Khan recriou o Exército do Afeganistão que havia se desintegrado durante a segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-80). Na década de 1880 o Emir Abdur Rahman teve que restabelecer o Exército para unificar o país fragmentado. O Exército foi remodelado durante o reino do Rei Amanullah após a terceira Guerra Anglo-Afegã (1919), mas este sofreu um golpe fatal durante a guerra civil de 1929. Uma nova organização militar foi criada por Nadeshah após a sua ascensão em 1929. A reorganização e modernização do Exército afegão, com apoio soviético, começou na década de 1960 e continuou durante o reinado comunista com apoio de Moscou. Foi totalmente desintegrado durante a guerra civil de 1992-2001.
2. As forças britânicas enfrentaram grandes desafios quando responderam a este tipo de guerra nas áreas tribais da fronteira noroeste. Veja General Sir Andrew Skeen, *Passing it On, Short Talks on Tribal Fighting on the Northwest Frontier of India* (Aldershot e London: Gale e Polden, 1932), pp. 2-12.
3. Veja Peter Paret et al., *Makers of Modern Strategy* (Princeton, Nova Jersey: Princeton Univ. Press, 1986), p. 841.
4. Khoshal Khan Khattak, *Dastarnama*, um exame clássico de normas e práticas de liderança (em *pashto*) (Cabul: 1967), p. 56.
5. Veja Edward Hensman, *The Second Afghan War* (Londres: 1881), p. 329.
6. A cada soldado do Exército regular sob Sher Ali foi dada uma cópia do Corão. Os soldados tinham que estudar a Escritura Sagrada com o *mullah* (culto ao Islamismo) da companhia, que os guiava durante os rituais religiosos em suas horas de descanso. L. N. Sobolev, *Stranitsa iz Istorii Vostochnovo Voprosa* (Uma página da história da questão Oriental), citada no *Istoriya Vorozhoniakh Sil Afganistana 1747-1977* "The History of Armed Forces of Afghanistan 1747-1977", editor. U. V. Gankovsky (Moscou: 1985), p. 45.
7. T. A. Heathcote, *The Afghan Wars* (Londres: 1980), p. 9.
8. Gankovsky, p. 65.
9. Rhea Talley Stewart, *Fire in Afghanistan 1914-1929* (Nova York: Doubleday, 1973), p. 210.
10. Minha conversa em Cabul em 1962, com um veterano afegão que citava uma testemunha ocular sobre o evento na década de 1860 em Cabul, quando o Emir Sher Ali supervisionava o pagamento de soldados governamentais antes de ir contra seus rivais.
11. Era provavelmente a primeira vez que o Exército afegão recebia um adestramento regular, com a ajuda de manuais de campanha traduzidos do inglês para o *Pashto* e o *Dari*. Veja Gankovsky, pp. 44-45.
12. *Turkistanskii Vedomosti* (Boletim Turco Oficial) 1877, # 25, em Gankovsky, p. 37.
13. O Exército havia recebido 29.000 carabinas de antecarga e 5.000 de retrocarga (*Snider*) do Exército britânico. O Exército também tinha 30.000 outras armas de fogo, a maioria mosquetões de antecarga, de alma lisa e raiados. Veja *The Second Afghan War 1878-80*, Relato Oficial, pp. 14-15, e o apêndice 1, pp. 633-35.
14. Quando da morte do Emir, o Exército regular consistia de 80 batalhões de infantaria, 40 regimentos de cavalaria, 100 baterias de artilharia e 4.000 *household troops* (regimentos de cavalaria e infantaria que escoltavam e protegiam o soberano e a família real). A força total do Exército era de 90.000 soldados.
15. Hasan Kakar, *Afghanistan, A Study in Internal Political Development 1880-1896* (Cabul: 1971), pp. 165-66.
16. Em julho de 1923 Amanullah disse ao povo, "Estes são os dias do uso da inteligência e não da força... portanto, mandem os seus filhos à escola. Nossas qualidades marciais são suficientes, é de educação que carecemos." Stewart, p. 209.
17. Isto, junto a um sistema de educação financiado pelo Estado e de programas de desenvolvimento econômico, ajudaram a integração nacional e a expansão do controle do governo central. A situação permitiu ao Exército responder com sucesso a distúrbios internos simultâneos, incluindo a rebelião de Katawz em 1937-39, a revolta *Shinwari* em 1938, o distúrbio Alizai-Durani em 1939, e a rebelião de 1944-45 da tribo Safi na província oriental de Kunar.
18. As forças armadas também incluíam uma gendarmaria de 21.000, organizada

- em batalhões e regimentos e uma força de obras públicas de 25.000, organizada em companhias, batalhões e unidades de construção.
19. OS EUA enviaram 5 bilhões de dólares em armas aos *mujahedeen* durante o período de 1986-90, enquanto a antiga União Soviética provia uns estimados 5,7 bilhões de dólares em armas a Cabul no mesmo período. Veja Barnett Rubin, *The Fragmentation of Afghanistan* (New Haven, Connecticut: Yale Univ. Press, 1995), p. 179.
  20. Entre 1990-91 a República Democrática do Afeganistão dependia cada vez mais das unidades de milícia ou das forças paramilitares. O regime foi finalmente derrotado pela deserção da principal formação da milícia para os *mujahedeen*. Veja M. N. Azimi, *Ordu wa Siasat dar Seh Daha-ye Akhir* "O Exército e a Política durante as Últimas Três Décadas", (Peshawar: 1998), pp. 400, 417-23, 491, 512-32.
  21. Ahmad Rashid, "Security Concerns Mount in Afghanistan As Country Enters Critical Reconstruction Phase," *Foreign Policy in Focus*, 19 de março de 2002.
  22. O Corpo Central (quatro divisões, todas em Cabul), 1º Corpo em Nangrahar (duas divisões), 2º Corpo em Kandahar (três divisões), 3º Corpo em Paktia (três divisões), 4º Corpo em Herat (três divisões e várias novas unidades compostas de antigos *mujahedeen*), 5º Corpo em Charikar (três divisões), 6º Corpo em Baghlan-Takhar (três divisões), 7º Corpo em Mazar-e Sharif (quatro divisões). A força total, oficialmente, é estimada em 700.000, enquanto que o total real é de aproximadamente 200.000. Minhas entrevistas com vários oficiais militares afegãos em Cabul, março de 2002.
  23. As divisões estão desdobradas em Mazar-e Sharif, Jawzjan, Sar-e Pul, Hairatan, e Mamaymaneh.
  24. Estas divisões são a 1ª e a 31ª em Cabul, a 34ª em Bamian, 36ª em Logar, 41ª em Ghor, 42ª em Wardak, 71ª em Farah, 100ª em Laghman, e a 27ª em Qalat. Estão sendo formadas 27 brigadas de patrulha fronteiriça.
  25. Conversa do autor com vários oficiais afegãos, incluindo o Ministro de Defesa Qasim Fahim, Cabul, junho de 2002.
  26. Por exemplo, em 1912 durante a rebelião em Paktia, o Emir mandou que os regimentos Mangal e Zadrán em Cabul e Jalalabad fossem desarmados. Similarmente, em 1938 os distúrbios no setor oriental de Shinwar forçaram o governo a desarmar as tropas Shinwari baseadas em Jalalabad.
  27. David Rohde, "Training an Afghan Army that Can Shoot Straight," *The New York Times*, 6 de junho de 2002.
  28. Darryl Henderson, *Cohesion, The Human Element in Combat* (Washington: NDU Press, 1985), p. 4.
  29. Recrutados de cinco partidos políticos principais podiam permanecer juntos durante apenas sete meses antes de desertarem do "exército" do governo em atendimento às instruções dos líderes de seus partidos em disputa.
  30. O Afeganistão nunca teve uma doutrina militar oficial que definisse a política de defesa do país e que dirigisse a criação de uma infra-estrutura estratégica e tecnológica que apoiasse a sua implementação.
  31. Michael Christie, "Afghanistan's New National Army Slowly Takes Shape," Reuters, Kabul, 2 de junho de 2002.
  32. Estas áreas poderiam ser as: central, oriental, sudeste, sudoeste, ocidental, norte e nordeste.
  33. A brigada de armas combinadas consistirá de três batalhões de infantaria leve, um batalhão de carros de combate, um regimento de artilharia, uma companhia de reconhecimento, uma unidade técnica, uma companhia de engenharia, uma companhia de comunicações, uma bateria antiaérea, e uma unidade de apoio logístico.
  34. Cinco corpos estão no norte e no oeste, e outros três no sul e no leste.
  35. Relatório do Grupo Internacional de Crises, "Afghanistan Briefing, Securing Afghanistan: The Need for More International Action," Kabul/Brussels, 15 de março de 2002, p. 8.
  36. O relatório do Secretário Geral da ONU à Assembléia Geral (#A/56/875-S/22002/22278), *The Situation in Afghanistan and Its Implications for International Peace and Security*, 18 de março de 2002

*Ali A. Jalali é o chefe de seção da rádio Voice of America, no idioma farsi, em Washington, D.C. Foi coronel no Exército afegão e membro da resistência afegã durante a Guerra Soviética-Afegã. Foi aluno do Curso Avançado de Oficial de Infantaria no Forte Benning, Georgia, da Escola de Estado-Maior do Exército Britânico em Camberley, na Inglaterra, da Academia Soviética Frunze, em Moscou, Rússia, e da Escola Naval de Pós-Graduação em Monterey, na Califórnia. É autor de vários livros, incluindo um sobre a história militar do Afeganistão, em três volumes, The Other Side of the Mountain, de co-autoria com Lester Grau, é um estudo analítico da guerra mujahedeen contra as forças soviéticas no Afeganistão, de 1979 a 1989. É co-autor do artigo "Kashmir: Flashpoint or Safety Valve?" , publicado na edição em inglês de julho-agosto de 1999 da Military Review e co-autor do artigo "Forças Expedicionárias: Derrotando a Superioridade Tecnológica — A Batalha de Maiwand" , publicado na edição em português do quarto trimestre de 2002 da Military Review.*